

Introdução, pesquisa e fixação dos textos por Duarte Ivo Cruz

# ALFREDO CORTEZ

## TEATRO COMPLETO

Com peças e excertos inéditos



BIBLIOTECA DE AUTORES  
PORTUGUESES





# ALFREDO CORTEZ

# TEATRO COMPLETO

Com peças e excertos inéditos.

Introdução, pesquisa e fixação dos textos por Duarte Ivo Cruz

DUARTE IVO CRUZ

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA



# SAIAS

(1938)

## Peça em três actos

*Esta peça não é, nem pretende ser, mais do que uma peça em três actos, a qual se procurou fazer a interpretação artística da vida e costumes das terras de Miranda. Mas é evidente que essa interpretação só poderia ser feita imitando a linguagem regional.*

*Na escrever uma peça de teatro em mirandês, nunca se teve em vista realidade de interpretação filológica. Falava-nos para isso, em primeiro lugar, o conhecimento filológico do mirandês.*

*Para este caso, procedeu-se como é nosso costume proceder ao transferir para os palcos a vida de qualquer outro meio.*

*Nunca se pensou em excluir a linguagem própria das regiões em que a acção se desenvolve, por ser essa linguagem elemento essencial de caracterização das personagens que se põem em*

### **Personagens**

*Por isso pretendemos que em Saias se falasse como ouvimos falar em terras de Miranda, pensando sempre em buscar-se tão completa exactidão*

*na transcrever os Jogos da vida, como ao interpretar as reacções psicológicas deste caso de teatro natural também (com a língua e os costumes) da vida dos mirandeses.*

*E assim não intentamos simplesmente falar habitualmente as personagens desta peça.*

*Não nos custa crer que os J. encontram muito que mondar aqui, e os mirandeses também que quando nos falamos uma peça em português alfacinha ou da Nazaré, os puristas nos querem emendar ...*

*simplesmente, nós buscamos a verdade: queremos falar vivo.*

*A dificuldade maior encontra-se na transcrição gráfica da pronúncia. Escrevemos, primeiro, para o leitor, e o que pretendíamos, então, era que se pudesse extrair da leitura a fonética e valor da linguagem mirandesa.*

**Local da acção: Terras de Miranda.**

## Duas palavras

*Esta peça não é, nem pretende ser, mais do que uma peça em três actos, com a qual se procurou fazer a interpretação artística da vida e costumes das Gentes de Miranda. Mas é evidente que essa interpretação só poderia ser feita aproveitando a linguagem regional.*

*Ao escrever uma peça de teatro em mirandês, nunca se teve em vista realizar obra de interpretação filológica. Faltava-nos para isso, em primeiro lugar, o conhecimento filológico do mirandês.*

*Perante este caso, procedeu-se como é nosso costume proceder ao transportar para os palcos a vida de qualquer outro meio.*

*Nunca se pensou em excluir a linguagem própria das regiões em que a acção se desenvolve, por ser essa linguagem elemento essencial de caracterização das personagens que se põem em cena.*

*Por isso pretendemos que em Saias se falasse como ouvimos falar em terras de Miranda, pensando sempre que deveria buscar-se tão completa exactidão ao transcrever os jogos da linguagem, como ao interpretar as reacções psicológicas deste caso de teatro, que é natural também (como língua e os costumes) da vida dos mirandenses.*

*E assim não intentamos senão fazer falar habitualmente as personagens desta peça.*

*Não nos custa crer que os filólogos encontrem muito que mondar aqui. Mas sabemos também que quando escrevemos uma peça em português alfabetizada, ou da Nazaré, os puristas teriam muito que emendar . . .*

*Simplesmente, nós buscámos outra coisa: queremos falar vivo.*

*A dificuldade maior encontrá-mo-la na transcrição gráfica da pronúncia.*

*Escrevemos, primeiro, para declamadores, e o que pretendíamos, então, era que se pudesse extrair da leitura a tonalidade e valor da linguagem mirandesa.*



*Agora escrevemos para quem não vai ouvir, mas ler, sendo necessário facilitar uma interpretação mental correcta. Sem isso, acaso escapariam as intenções do autor, e o próprio movimento da acção ficaria prejudicado.*

*Usamos ortografia sónica aproximada, quer dizer: utilizamos os valores das letras portuguesas para tornar mais compreensível a pronúncia mirandesa. Esta foi, aliás, a nossa preocupação, porque, no que toca a compreensão do sentido, não nos ficam dúvidas.*

*O que acontece é que a linguagem mirandesa, como qualquer outra, vive, na sua própria graciosidade, do tom, da pronúncia, bem difícil de compreender por quem a não ouviu falar.*

*Julgamos, por isso, conveniente fazer as seguintes observações:*

a) *O artigo definido feminino deveria, naturalmente, transcreever-se: ùa. Verificámos, porém, experimentalmente que poucas pessoas, ao ler, compreendiam. Talvez fosse preferível escrever, para facilitar a pronúncia, como escrevemos: um a, como se fossem, que não são, duas palavras.*

*O mesmo para algûa (algum a), nenhûa (nenhum a), etc.*

b) *O s (=ss, português) não existe, ou só em alguns casos aparece. Toma em mirandês um valor aproximado de x. É verdade que não é bem um X. Mas também não é um s. Em todo o caso, empregámos, para transcreever aquele som, a letra x — a mais próxima.*

c) *Em compensação o ch não tem, como em português, o valor sónico de x. Transcrevemo-lo por tch, por nos parecer a forma mais visível de obter o som real.*

d) *O grupo português em (ê) pronuncia-se, habitualmente, an (ã): anton, antre ... Mas também lhe corresponde às vezes im: nim, xim.*

*Repare-se em: ambierno, anfierno, onde am, an (ã) corresponde ao português in.*

*Algumas das formas usadas em Miranda não lhe são exclusivas. Usam-se noutros locais do País e não surpreenderão tanto os ouvidos portugueses.*

*Por exemplo: lheba-le, em vez de leva-lhe.*

*Levar-nos-iam longe estas explicações.*

*Mas não poderiam, às vezes, resultar pretenciosas?*

*E o que está dito não basta para se ver que não foi este aspecto o que mais nos preocupou?*

*Não era também o que mais nos competia.*

A. C.

## Prólogo

*Sobe o pano sobre um talão. Na frente, perfilado, Tíu Grepino. Veste com grande rigor mirandês: calção de alcapão, polaina, jaleco e jaqueta, sapatos grossos e cardados, imponente capa de honras, farto capuz na cabeça.*

*À direita de Tíu Grepino, Ti Maqu'lina, sua mulher, a fiar. Traz saia rodada de grandes pregas, camisa com largo colarinho, faixa vermelha, colete bordado a matiz, jaqué, algibeira, meias brancas arrendadas e sapato raso de cordovão. Pendente da cabeça a mantilha, ou seja, uma capa preta apertada sob o queixo, e que vai até abaixo do Joelho. À esquerda de Tíu Grepino, as duas filhas:*

*Mari-Gusta, com saia de pano preto, jaqué sobre a camisa de folhos, lenço de cor viva atestado no alto da cabeça, onde dá um nó pequeno de pontas erguidas como duas orelhas de gato. Traz na mão esquerda uma foice e os dedais da ceifa. No ombro direito um alforge bordado a rosas de lã coloridas.*

*Gluriça veste semelhantemente e vem a fazer meia ao canhão.*

TÍU GREPINO (*Saudando o público.*) — Dias bus dê mui bônas núites.

TI MAQU'LINA (*Fazendo girar o fuso.*) — Que seia por muitos ânhos.

MARI-GUSTA — E nós que los cuntêmos.

GLURIÇA — Amen, Jajúce!

TÍU GREPINO — Anton cumo fúi para benirdes par qui? Xi, benereis bien cançadíquios . . . .

TI MAQU'LINA (*Baixo, a Tíu Grepino.*) — Num le fales axi que num t'antenden.



TÍU GREPINO — You fálo-les a la nôxa móda, que you num chei doutra maneira.

TI MAQU'LINA — Pus axim num t'antenden.

GLURIÍCA — Catatxo! Anton, xe num antenden, xi, xom bien burros!

TI MAQU'LINA — El'nôxo falar yé feio. Mui tcharro. Para que l'ousarêmos?

GLURIÍCA — Baia! La gente fála lo pertuez. El' pertuez como yé debido. X'eilhas num antenden que culpa le tenêmos?

TI MAQU'LINA — Num xeias malcriada. Que rapaza esta! Xempre mus deixa an bergôña, Cálha-te.

GLURIÍCA — Que m'hei de calhar? An tiérras de Miranda fala-xe el' mirandês. Bós, pai, cuntinuai na nôxa lhengua. Quien quérgea antenderi qu'antenda, e el' que nó ... (*Encolhendo os ombros.*) queda lo memso.

TI MAQU'LINA — Ah! Lhadrína! Mas a quien sal' esta rapaza? (*Olha para o marido.*) A mi, nó.

TÍU GREPINO (*Ao público.*) — Pus, cumo bus iba dezindo ...

MARI-GUSTA — E bós que deziades? Bós inda num tenêdes dezido nada.

TÍU GREPINO — Iba dezindo que num cumprandian la nôxa fala.

MARI-GUSTA — E quereis repisar más ixo?

GLURIÍCA (*Ao pai.*) — Oh! Bós num deziades nada.

TÍU GREPINO (*Zangado.*) — Pus tu num me deixas falari ...

TI MAQU'LINA — Fala, fala.

MARI-GUSTA — Falai.

GLURIÍCA (*Rindo.*) — Pus que fale.

TÍU GREPINO (*Ao público.*) — Cumo bus iba dezindo ...

GLURIÍCA — E alhá torna!

TI MAQU'LINA (*Enérgica.*) — Calha-te, mulhêre!

MARI-GUSTA — Deixai-lo a bêr lo que xale.

TÍU GREPINO — Pus cumo bus iba dezindo, fustes hômes d'aparecêrdes hoiji cum esta calôr! (*Tira o capuz. Limpa a testa.*) Que calma! Que calma fai! ...

MARI-GUSTA (*Irónica e limpando a testa ao alforge.*) — Que calma!...

GLURÍCA (*Rindo.*) — E no ambierno fai friu. Milagre!

TÍU GREPINO — Eiqui, nestas tiérras, tenêmos ciértos nôbe meses d'ambiérno, e três d'anfiérno. (*Limpando a testa.*) Que calór! Xe murre la gente!

TI MAQU'LINA (*Enervada.*) — Xale dêndi! Dí algo!

TÍU GREPINO (*Com um gesto afirmativo.*) — Pus yá. (*E ao público.*) Cumo bus iba dezindo ...

MARI-GUSTA (*Cortando-lhe a palavra.*) — Calhai-bus. Quien dice sou you. (*Ao público.*) Xenhôras e xenhôres! A que benis? Tchevou alhá la fama de los nêxos clóquios? Qu'reis bêr algun? Qual deilhes qu'reis?

GLURÍCA (*Muito contente.*) — Lo de Dona Inés yé el'más güapo.

TI MAQU'LINA — E el' de los Três Reis Magnus?

GLURÍCA (*Enumerando.*) — La Peixon, Santo Aleixo, Santa Catrina, Adão e Eba ...

MARI-GUSTA — Deixai-los qu'esculhan.

TI MAQU'LINA — Eilhes num gústan dicho. E a quien tchamais para regrador?

GLURÍCA — Yé berdade! Fui-xe! 'Scapou-xe pa la tropa!

MARI-GUSTA — Álgo s'arranjará. Quien bêno yá num bôlbi xin clóquio. E xe clóquio num oubir, ha de bêr la nôxa tiérra, comêri del' nôxo cutchino, e bebêri del' nôxo bino.

TÍU GREPINO — Xi. Cumo bus iba dezindo, el' bino yé bôno.

MARI-GUSTA — ... oubir los nôxos cantáres; segar cum nós el' centêno; spadar cum nós el' lhino ...

GLURÍCA (*Dançando contente.*) — E hay hoiji um a 'spadada.

TI MAQU'LINA — Um a 'spadada? Adondi yé?

MARI-GUSTA — Nel' curral del' Tiu Marabilhas. Nós 'stamos tchamádas. Andai cum nós.